

## **A VELHICE SEGUNDO SIMONE DE BEAUVOIR: CONSIDERAÇÕES PARA UMA GERONTOLOGIA DO ENVELHECIMENTO**

### **OLD AGE ACCORDING TO SIMONE DE BEAUVOIR: CONSIDERATIONS FOR AN AGING GERONTOLOGY**

### **VIEJO SEGÚN SIMONE DE BEAUVOIR: CONSIDERACIONES PARA UNA GERONTOLOGÍA DEL ENVEJECIMIENTO**

**Marcelo de Maio Nascimento**

<http://orcid.org/0000-0002-3577-3439> 

<http://lattes.cnpq.br/6669741656943141> 

Universidade Federal do Vale do São Francisco (Petrolina, PE – Brasil)

marcelo.nascimento@univasf.edu.br

#### **Resumo**

Trata-se de um estudo de natureza bibliográfica, caracterizado como um ensaio da obra "Velhice" da filósofa francesa Simone de Beauvoir (1908-1986). Objetivo do estudo foi discutir questões relativas ao tempo, à idade, à velhice e ao envelhecimento, além de abordar suas inter-relações. A técnica de Beauvoir incidiu em imergir no pensamento e sentimento das pessoas idosas, destacando elementos históricos para ampliar a compreensão dos modos como a psique dos indivíduos e da sociedade se relacionavam com a velhice. Beauvoir caracterizou a sociedade moderna como competitiva, produtiva, machista, valorizadora da funcionalidade e beleza dos corpos, e, portanto, responsável pelo afastamento dos mais velhos do mercado de trabalho. Este texto é um convite à reflexão sobre os modos como reconhecemos e admitimos as alterações que tempo exerce sobre nossos corpos e o modo como geralmente tratamos as pessoas idosas.

**Palavras-chave:** Gerontologia; Velhice; Tempo; Filosofia.

#### **Abstract**

This is a bibliographical study, characterized as an essay of the work "The Coming of Age" by the French philosopher Simone de Beauvoir (1908-1986). The aim of the study was to discuss issues related to time, age, old age and aging, in addition to addressing their interrelationships. Beauvoir's technique focused on immersing in the thinking and feeling of older people, highlighting historical elements to broaden understanding of the ways in which the psyche of individuals and society related to old age. Beauvoir characterized modern society as competitive, productive, sexist, valuing the functionality and beauty of bodies, and therefore responsible for the removal of older people from the labor market. This text is an invitation to reflect on the ways we recognize and admit the changes that time has on our bodies and the way we generally treat older people.

**Keywords:** Gerontology; Old age; Time; Philosophy.

#### **Resumen**

Se trata de un estudio bibliográfico, caracterizado como un ensayo de la obra " Vejez" del filósofo francés Simone de Beauvoir (1908-1986). El objetivo del estudio fue discutir temas relacionados con el tiempo, la edad, la vejez y el envejecimiento, además de abordar sus interrelaciones. La técnica de Beauvoir se centró en sumergirse en el pensamiento y el sentimiento de las personas mayores, destacando elementos históricos para ampliar la comprensión de las formas en que la psique de los individuos y la sociedad se relaciona con la vejez. Beauvoir caracterizó a la sociedad moderna como competitiva, productiva, sexista, valorando la funcionalidad y la belleza de los cuerpos y, por tanto, responsable de la eliminación de las personas mayores del mercado laboral. Este texto es una invitación a reflexionar sobre las formas en que reconocemos y admitimos los cambios que el tiempo tiene en nuestro cuerpo y la forma en que generalmente tratamos a las personas mayores.

**Palabras clave:** Gerontología; Vejez; Tiempo; Filosofía.



## INTRODUÇÃO

Diferentemente dos demais seres do planeta, o homem tem consciência do tempo e é capaz de distinguir suas três formas: passado, presente e futuro. Mas o que é o tempo? Ao longo dos séculos, este tema ocupou filósofos, teólogos e pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento humano. Porém, apesar de todos os avanços da ciência, a verdadeira natureza do tempo e sua relação com o homem ainda fascina e gera dúvidas.

Entre os enigmas que o tempo nos apresenta há o entendimento sobre sua substância, uma vez que se fosse um objeto sua existência independeria do homem. Por outro lado, se ele for um produto da consciência podemos questionar o seguinte: como é que compreendemos o tempo? De forma geral, nos acostumamos a vivenciá-lo e localizá-lo com base nos episódios da vida. Mas, isso ocorre porque nós o sentimos e percebemos. Ora, nesse contexto, há uma certeza, a de que o tempo não para e conseqüentemente não permanecemos jovens, uma vez que a genética humana é responsável por constantes alterações das células (HEKIMI, 2003). O envelhecimento é definido como um processo gradual e multifatorial determinado por fatores genéticos e ambientais (DA COSTA et al., 2016), tornando o organismo humano suscetível a uma série de alterações fisiológicas, que irão dificultar a adaptação do indivíduo ao meio (HARRIDGE, LAZARUS, 2017). Entretanto, o processo não é igual para cada indivíduo, ou seja, a idade cronológica pode diferir da idade biológica (LAUENROTH; IOANNIDIS; TEICHMANN, 2015).

O presente texto teve como objetivo discutir termos como o tempo, a idade, a velhice e o envelhecimento, bem como, abordar suas inter-relações. Nossas motivações para desenvolver este ensaio partiram de códigos enraizados na sociedade ocidental, que, embora, não sejam oficialmente reconhecidos, integram seu sistema social, político, econômico e, não obstante, cultural. Nesse contexto, as pessoas formam percepções que nem sempre são positivas sobre a idade e o envelhecimento dos outros. Disso, sobrevém, entre outros, atitudes que geram o "ageísmo", que implica no processo de estereotipar e/ou discriminar as pessoas por causa de sua idade avançada (FRANÇA et al., 2017). Diante do exposto, partimos da premissa de que se não soubermos hoje o que seremos no futuro, teremos problemas para saber quem somos no tempo presente, assim como, dificuldades para nos reconhecermos no futuro. E tudo isso pode gerar graves problemas de identidade.



Optamos por abordar os fatos em sentido filosófico, nossa atitude buscou a concepção da facticidade e essência da visão humana sobre seu próprio envelhecimento (VON ZAUBE, 2011). As questões foram discutidas com base na obra de Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand Beauvoir (1908-1986), intitulada *La Vieillesse* (BEAUVOIR, 1970), com tradução na língua inglesa para "*The Coming of Age*", e na língua portuguesa como "Velhice". Simone Beauvoir é considerada uma filósofa existencialista e, acima de tudo, feminista. Em 1970, ela publicou este ensaio que mostrou a visão de filósofos gregos sobre a velhice em sentido histórico, bem como, analisou a influência desses pensadores sobre a psique dos homens e da sociedade para o entendimento do envelhecimento e pessoa idosa. Na primeira parte da obra, Beauvoir analisou a velhice de fora para dentro, já no segundo momento, ela imergiu nos pensamentos e sentimentos de pessoas velhas. Sua intenção foi se aproximar ao máximo do real sentido de um ser/estar velho (acabado, ultrapassado, antigo, arcaico, deteriorado).

O texto de Beauvoir consegue transmitir aos leitores uma visão autêntica sobre o que significa "sentir-se velho". A obra também fornece subsídios para o entendimento existencial de vidas humanas à margem da sociedade, algo que Beauvoir detectou precocemente na sociedade francesa dos anos 70. Segundo ela, entre as barreiras que existiam para que idosos fossem totalmente integrados na sociedade francesa da época havia o avanço gradual de uma economia basicamente competitiva, fundamentada no avanço da produção. Outro ponto destacado pela autora foi a tendência daquela sociedade em sentido à supervalorização da beleza e do vigor dos corpos (funcionalidade).

O trajeto eleito para apresentação das ideias foi uma introdução inicial sobre as principais características da obra "Velhice", incluindo o papel de Beauvoir na área da filosofia contemporânea. A segunda seção aborda o tempo, que junto com o envelhecimento são os termos basilares deste estudo. As reflexões foram fundamentadas na concepção filosófica medieval de Agostinho, existencialista dos filósofos Martin Heidegger e Jean Paul Sartre, e do psicólogo Henri Bergson. Também diferenciamos duas perspectivas trabalhadas ao longo do texto que são: o "eu-idoso" e o "eu-velho". Por fim, apresentamos a visão crítica de Beauvoir relativa ao descaso que a sociedade moderna possui com as pessoas idosas, mais especificamente, sua exclusão do mercado de trabalho, o que implicou no tratamento do termo "ageismo".



## A VELHICE SEGUNDO SIMONE BEAUVOIR

A obra *Velhice* é considerada pioneira na área do envelhecimento humano, de tal modo, ela influenciou vários estudos na área da Gerontologia (SANTOS, 2001). Vale destacar que a autora utilizou o termo velho e não idoso porque na França do século XIX pessoas acima dos 60 anos eram assim reconhecidas. A substituição do termo velho por idoso ocorreu nas últimas quatro décadas, em razão da conotação negativa que o termo reflete. A troca da nomenclatura é consequência de mudanças socioculturais ocorridas na sociedade contemporânea (DARDENGO; MAFRA, 2018). O fato permitiu a substituição do termo velho e velhice por idoso e envelhecimento tanto em documentos oficiais, como nos meios de comunicação e no meio acadêmico. Com o passar dos anos novas expressões foram criadas para classificar a pessoa idosa como indivíduo da Terceira Idade ou da Melhor Idade (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008).

Uma forte característica do estilo literário de Beauvoir foi seu engajamento crítico no âmbito social e político com especial interesse por causas feministas e a defesa do direito das causas humanas. Seu trabalho e percepção foram significativamente marcados por seu companheiro Jean-Paul Sartre (1905-1980), considerado um dos filósofos mais influentes da modernidade. Beauvoir inicia a obra "*Velhice*" (1970) com um profundo estudo social, histórico e antropológico relativo à percepção da velhice desde o período antigo. Para tanto, ela traz exemplos da Índia, percorrendo o Egito, as civilizações da Grécia e de Roma, passando pela Idade Média e Revolução Industrial até chegar a França dos anos 1970.

Ao longo do texto, Beauvoir também confronta e questiona a natureza do tempo, considerando-o como um dos mistérios da humanidade. Outra crítica é a de que idosos pobres nunca receberam ênfase na literatura ou na história, além de que quando se falou dos velhos o discurso sempre foi endereçado ao sexo masculino. Tudo isso seria mais uma prova de que há séculos mulheres e pessoas idosas vêm sendo inferiorizadas (BEAUVOIR, 1970). Em sentido ao tempo, Beauvoir destacou que no século IV a.C., Platão acreditava, por exemplo, que o fato era obra do Criador, gerado no mesmo instante da concepção do céu.

A partir dos escritos de Platão sobre os mais velhos, Beauvoir traçou um paralelo sobre a visão dos gregos antigos com a visão da sociedade dos anos 70. Assim, ela salientou, entre outros, a preocupação que Platão mostrava com os cidadãos mais velhos. Conforme a autora, o filósofo grego referenciou a obrigação que os jovens tinham para respeitar os mais



velhos, pois a velhice seria o momento da vida em que os seres humanos produziram sentimento, paz e libertação. Na obra “Leis”, Platão destacou o comprometimento que os filhos necessitavam ter com os pais, principalmente, em idade avançada. Para Platão isso era uma questão de mérito, visto que os pais teriam zelado pela formação dos filhos e contribuído para gênese da sociedade grega. Logo nada mais sensato do que retribuir aos pais os serviços prestados. Com essa narrativa Beauvoir buscou resgatar o modo como as sociedades vinham tratando os velhos, assim como, traçar um paralelo entre os períodos históricos para tentar compreender as atitudes de seus contemporâneos.

Beauvoir (1970) questionou por que a sociedade valoriza o sujeito enquanto ele é útil para a economia e anos mais tarde vira o rosto. Portanto, qual seria o sentido de uma sociedade que educa a pessoa para amar, respeitar e socializar e anos depois é áspera com ela, desrespeitando-a e excluindo-a de seus direitos de cidadão? A autora, também indagou até que ponto a conduta da sociedade/governantes frente aos idosos poderia ser assumida como sistema de valores (merecimento) de cada época. Ou seja: De onde viriam as percepções deturpadas atribuídas ao velho e à velhice?

No capítulo II, intitulado “Os dados da etnologia”, a filósofa salientou algo ainda comum na atual sociedade do século XXI que é a valorização do coletivo jovem. Por que idosos não são intencionalmente incluídos no sistema produtivo? De onde viria essa desvalorização? Nesse contexto, a autora vai às origens da humanidade para buscar o entendimento sobre a aceção do sentido da coletividade. Pois, se por um lado, o homem aprendeu que o coletivo é o alicerce do desenvolvimento da sociedade, ele nunca entendeu o significado do termo gratidão para com aqueles que plantaram as sementes das árvores que hoje dão frutos e são saboreados por outros, que também descansam nas suas sombras.

[...] não há coletividade humana, por mais rude que seja, que não possua uma certa união; as atividades que o homem exerce usando instrumentos por ele fabricados constituem um trabalho a partir do qual se estabelece pelo menos um embrião de organização social (BEAUVOIR, 1970, p. 124).

Segundo a autora, o homem possui relativo déficit de memória ancestral, de tal modo, somos capazes de refletir com propriedade sobre o futuro e pouco ou nada sobre o passado, principalmente, em sentido crítico construtivo. Beauvoir (1970, p. 182) também destacou que: “Em muitas espécies – e principalmente nas mais evoluídas – os animais idosos e mais experimentados gozam de prestígio; eles transmitem aos demais informações adquiridas ao longo de sua experiência”. Isso significa dizer, que a posição ocupada por cada



um no grupo é diretamente proporcional aos anos de vida, o que é determinante para sobrevivência da espécie. No entanto, diferentemente da sociedade dos animais ou dos povos primitivos, no mundo moderno ou pós-moderno, o *status quo* atribuído a uma pessoa é proporcional a sua condição financeira ou beleza física.

Nos capítulos seguintes Beauvoir (1970) deixa claro que a abordagem da velhice não é simples porque pode apresentar óticas distintas, gerando modos diferentes de interpretação. Portanto, o que é velho ou velhice para um pode não ser para outro, além de que a velhice também pode ser percebida de modos diferentes. Assim, uma pessoa pode se considerar velha cronologicamente, mas jovem de espírito, com vontade para viver, com força física (vitalidade), além de desejos e ambições. Enquanto, que outra da mesma idade pode se perceber cansada, acabada, sem perspectivas de vida.

De forma geral, não é simples entender o que se passa no pensamento do outro em relação ao envelhecimento, visto que sempre existirão aqueles que envelhecem de forma consciente (eu-idoso), buscando um envelhecimento saudável (HANNA; NOELKER; BIENVENU, 2015). Por outro lado, também existirão aqueles com baixo engajamento para estender os anos de vida com qualidade (eu-velho). Estudos têm mostrado que o despreparo para envelhecer pode ser prejudicial tanto para o indivíduo, como para sociedade (BAARS, 2010). Isso significa dizer que o ser humano deveria planejar seu envelhecimento com tempo suficiente para lá na frente não ser surpreendido pelo conjunto de alterações deste processo.

## O TEMPO

Que é, pois, o tempo? Quem poderá explicá-lo clara e brevemente? Quem o poderá apreender, mesmo só com o pensamento, para depois nos traduzir por palavras o seu conceito? E que assunto mais familiar e mais batido nas nossas conversas do que o tempo? Quando dele falamos, compreendemos o que dizemos. Compreendemos também o que nos dizem quando dele nos falam. O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei. (AGOSTINHO, 1973).

Na concepção do filósofo medieval Agostinho, o tempo era uma criação de Deus, logo inseparável da própria criação do universo. Segundo Agostinho, o mundo seria o habitat dos homens, e esses responsáveis por atribuir significado as coisas do mundo, enquanto, que o tempo consistiria em parte integrante da estrutura da consciência humana (BATISTA, 2006). Nessa perspectiva, a relação do homem com o tempo transitaria por uma condição existencial, artifício para que o homem seja/exista em sua facticidade. Conforme os filósofos Martin



Heidegger e Jean-Paul Sartre, os fatos concedem aspecto de existência aos homens (FEIJOO; MATTAR, 2014 ), neste contexto, subentende-se a facticidade como um elemento capaz de gerar situações oportunas à consciência da própria existência. Assim, é a existência a responsável por lançar o homem ao mundo, o qual se encontra órfão porque está submetido aos fatos, às necessidades da vida e, não obstante, às determinações dos próprios homens.

No estudo comparativo desenvolvido por Batista (2006) sobre o tempo em Agostinho e Bergson, o autor destacou, que embora Agostinho só reconhecesse o tempo presente, ele também se referiu ao passado em sentido à memória e ao futuro por meio do termo intenção. Outra questão que aproximaria Bergson a Agostinho incide na eternidade, que em razão do período de vida de cada filósofo não foi considerado por ambos de modo idêntico, porém similar. Bergson trabalhou a eternidade como continuação da duração da consciência, uma vez que seus estudos foram voltados para o organismo humano. Enquanto, que Agostinho não intencionou medir a eternidade ou mesmo o tempo, pois para ele seriam coisas incomensuráveis. De acordo com Agostinho, para mensurá-los seria necessário torná-los visíveis e/ou palpáveis (*re extensa*). O termo *res extensa* foi introduzido na filosofia por Descartes ao abordar a “coisa pensante” (*res cogitans*) e o sujeito pensante que no exercício de seu intelecto se depara com barreiras criadas pela “coisa externa” (*res extensa*), que é o corpo.

No presente estudo, a relação do tempo com o envelhecimento é acompanhada por dois pontos de vista. O primeiro é de um “eu-idoso” que se refere ao posicionamento consciente do indivíduo frente ao processo tempo *versus* envelhecimento. Um exemplo prático disso é quando o indivíduo age/reage para retardar ou evitar a série de transformações “biopsicofuncionais” que o organismo sofre. A segunda perspectiva é de um “eu-velho” que identifica um *modus operandi* passivo. Neste caso, o indivíduo não busca alternativas para conviver ou enfrentar as mudanças geradas pelo envelhecimento progressivo.

No caso do “eu-idoso” temos uma questão interessante que é a redução gradual do tempo produtivo do indivíduo. Entretanto, nesse ponto, também devemos nos questionar: O que significa ser produtivo e para quem pessoas idosas devem ser produtivas? Beauvoir abordou o caso sob a forma de projeto de vida, uma espécie de construção consciente do “eu”. No entanto, tendencialmente idosos muitas vezes abrem mão de se reconhecerem como produtivos para a sociedade, atribuindo isso aos mais jovens. Por essa razão, quando idosos refletem sobre o tempo, eles se afastam do futuro, concentrando-se nas experiências passadas.



E, assim, eles se refugiam-se no hábito. Ademais, tal qual as crianças, idosos "sonham acordados", além de se satisfazerem pelo ato de contar histórias. Segundo Beauvoir (1970), a idade altera nossa relação com o tempo, pois a medida que os anos passam nossa perspectiva de futuro automaticamente é reduzida (finitude). Na busca pelo entendimento sobre a relação entre tempo e projeto de vida Beauvoir (1970, p. 435) descreveu:

O tempo que um homem considera como seu é aquele em que ele concebe e realiza seus projetos: então chega um período em que eles se fecham atrás dele. O homem idoso, improdutivo e impotente, se vê como uma sobra de uma época anterior. Por isso, ele tão prontamente se volta para o passado: isso foi o tempo que pertencia a ele, o tempo em que ele se via como um indivíduo de primeira classe, um ser vivo.

Por outro lado, à medida que o tempo passa, nossa sabedoria aumenta e é exatamente ela que nos alerta sobre a velocidade do tempo. Sua aceleração pode causar angústias, medo, insegurança, mas, também prazer, alegria, contemplação. Assim, embora idosos percebam o avanço "acelerado" da vida, sua percepção de futuro pode ser incerta devido ao conjunto de transformações de caráter fisiológico, funcional, emocional e social sentidas dia a dia (MCHUGH; GIL, 2018). Vale ressaltar que Beauvoir reconheceu a diferença da vida/existência que cada pessoa possui, isso mostra o viés fenomenológico da autora que valorizou substancialmente na relação "tempo-projeto de vida" o mundo vivido, ou seja, a experiência do "eu" junto aos fenômenos.

Um segundo ponto de vista de Beauvoir sobre a relação tempo versus envelhecimento diz respeito ao *modus operandi*, ou seja, como o indivíduo encara em sentido prático (age) para atenuar as alterações causadas pelo tempo/idade ao seu organismo. Neste momento vamos considerar duas situações para o entendimento da questão: i) a de ser e/ou de estar "velho", ii) a de ser e/ou de estar "idoso". No primeiro exemplo, nos referimos a adoção de uma posição passiva frente às vicissitudes geradas pelo processo do envelhecimento. Enquanto, que no segundo exemplo há o engajamento do indivíduo, quando ele encara o tempo de modo operacional e consciente. O fato também foi referido pela Organização Mundial de Saúde como "*active aging*" (WHO, 2002) e, posteriormente, inserido por pesquisadores como "*successful aging*" (ROWE; KAHN, 2015).

A literatura é rica de estudos que mostraram os danos que o envelhecimento pode causar a saúde (SUN; YOULE; FINKEL, 2016; SERGIEV; DONTSOVA; BEREZKIN, 2017). Do ponto de vista psicossocial, a partir do 60 anos o indivíduo é confrontado com questões até certo ponto novas, que podem gerar crises de identidade que exigem a reorganização dos projetos



de vida (BEZERRA, 2015). Isso força o indivíduo a criar artifícios originais para viver/sobreviver no tempo presente, sem permitir que as memórias do passado se tornem obstáculos para o planejamento e execução do tempo futuro. Um exemplo clássico dessa situação conflitante capaz de gerar a ruptura de identidades é a aposentadoria (SILVA, 1999), outro é a perda de familiares ou do conjugue em idade avançada (CAUDURO, BÓS, CAUDURO et al., 2013) e, não obstante, a internação em instituição de longa permanência (MOURA et al., 2018).

Outra questão a considerar sobre o *modus operandi* incide na consciência do tempo em relação a formação de identidades (VELÔSO et al., 2017), uma vez que somos sujeitos híbridos. A identidade é basicamente um ato reflexivo moldado consecutivamente pelas alteridades vivenciadas no cotidiano (POLGER, 2009). No caso do envelhecimento, é necessário considerar que a consciência do tempo está conexas à percepção das coisas presentes, pois idosos, muitas vezes, têm a impressão de serem sobreviventes do passado (BEZERRA, 2015). Logo atitudes como acolhimento, carinho, alegria e atenção com a pessoa idosa contribuem para que ela perceba a si própria e próprio entorno com mais alegria e satisfação, gerando boas memórias (RABELO; NERI, 2013).

## **BEAUVOIR E A VELHICE NA SOCIEDADE ATUAL**

Ao abordar o desprezo apresentado pela sociedade com os velhos, Beauvoir (1970) atribuiu o motivo disso, entre outros, aos interesses e às metas da política de desenvolvimento econômico traçadas pelas nações. Segundo a filósofa, a falta de espaço que a sociedade moderna oferece aos idosos é consequência da sua condição de desempenho físico e cognitivo, que comparativamente é inferior às pessoas jovens. Beauvoir destacou que toda a sociedade tende a viver e sobreviver, contudo, isso estaria fortemente ligado ao vigor e a fecundidade (juventude). Por essa razão, indivíduos velhos seriam vistos como pessoas desgastadas e estéreis. Em geral, a velhice está fortemente associada a marcadores ligados ao corpo, que participam ativamente na composição de nossas identidades (LIMA; RIVEMALES, 2013). Entretanto, apresentamos dificuldades para compreender e aceitar que a maioria dos marcadores corporais tanto não são fixos, como estáveis. Outra coisa que desconsideramos é que o corpo é um forte componente do "eu", o qual se encontra em contínua construção.

Historicamente idosos vêm sendo associados aos termos dependência e improdutividade, o que difere dos atributos designados aos mais jovens, considerados como



o alicerce, portanto, futuro da sociedade. Nessa perspectiva, idosos são vistos como âncoras que podem atrasar o desenvolvimento econômico de uma nação. Em sentido histórico, Beauvoir (1970) teceu uma interessante analogia, dizendo que antes era função do ancião fazer chover, prever o futuro, ensinar aos jovens os segredos da pecuária, do cultivo das plantas e da cura medicinal. Entretanto, nos tempos modernos, esses valores já não são mais importantes porque as pessoas mais velhas teriam perdido seus postos na sociedade (*status quo*), não sendo mais úteis para sobrevivência da espécie. Por fim, Beauvoir complementa: “Ao invés de valorizarmos a experiência sobrevinda com a idade, a “maturidade”; reduzimos e sufocamos a memória e os projetos dos idosos, roubamos-lhes a confiança, as possibilidades de caminho e de sentido. Também nos recusamos a nos reconhecer no velho que seremos” (BEAUVOIR, 1970, p. 221).

No capítulo IV, intitulado “A Velhice na Sociedade de Hoje”, Beauvoir faz referência a Jean-Paul Sartre por meio de uma analogia entre adultos e velhos:

O que se passa no caso da relação do adulto com o velho é o inverso. O velho – salvo exceções – não *faz* mais nada. Ele é definido por uma *exis* e não mais por uma *práxis*. O tempo o conduz a um fim – a morte – que não é o *seu* fim, que não foi estabelecido por um projeto. E é por isso, que o velho aparece aos indivíduos ativos como uma espécie “estranha”, na qual eles não se reconhecem. (BEAUVOIR, 1970, p. 324).

A filósofa estendeu a reflexão destacando que, de forma geral, os adultos vivem em si próprios não conseguindo retornar ao passado, sendo incapazes de pensar como crianças. Do mesmo modo, que sua habilidade para se imaginarem como indivíduos velhos inexistente, vivendo assim isolados em um hiato. Entretanto, são os adultos que regem a política e a economia, embora, não reconheçam os velhos como categoria ainda capaz de produzir. Sendo assim, investem com maior certeza nas crianças e adolescentes, pois entendem que o vigor é a melhor opção. Beauvoir (1970) sugere que seria mais prudente associar a pujança dos jovens com a experiência dos mais velhos. A autora intitula a questão como reciprocidade entre adultos e velhos, concluindo que o caso é complexo, portanto, não teria subsídios suficientes para ampliar e fundamentar a discussão.

Ao final, do texto “Velhice”, Beauvoir (1970) compara dados demográficos referentes à população idosa de países europeus, africanos, asiáticos e até mesmo do Brasil. Ela faz questão de destacar que a busca foi realizada em bancos de dados franceses e internacionais, ressaltando ainda que durante o estudo teria dialogado com diferentes profissionais da área da Gerontologia. Os dados exibem estratégias traçadas por governantes



dos países nórdicos, bem como, a preocupação do parlamento inglês, já naquela época, com os custos que o envelhecimento causaria aos cofres públicos e às gerações futuras.

As reflexões de Beauvoir evidenciaram a valorização da sociedade ao longo dos anos por termos como vigor, juventude e beleza dos corpos. Com isso, os marcadores do corpo foram se transformando em critérios de julgamento da capacidade de produção humana, ofuscando o potencial criador dos idosos. Essa atitude contribuiu para o fortalecimento do “ageismo” (FRANÇA et al., 2017), influenciador dos nossos modos de pensar e de agir com as pessoas idosas. Isso significa dizer que é a partir da percepção da idade de uma pessoa, que deduzimos suas habilidades funcionais, sociais e cognitivas e, por conseguinte, deliberamos julgamentos e condutas.

As reflexões de Beauvoir continuam atuais, pois trataram importantes tópicos do envelhecimento como o cuidado, a atenção, o respeito, e igualmente, os custos do envelhecimento, sem desmerecer a busca por respostas sobre o que significa ser idoso na sociedade moderna. Concluímos que as reflexões da obra “Velhice” podem contribuir ainda hoje significativamente para o desenvolvimento de estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento humano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nascer, crescer, amadurecer, envelhecer, morrer são fatos inerentes da vida. As considerações de Beauvoir, na obra “Velhice”, teceram reflexões existencialistas e fenomenológicas. Sua abordagem enfatizou a rejeição mascarada que pessoas idosas vêm recebendo da sociedade ao longo dos séculos. Outro ponto assinalado pela autora foi que mulheres idosas são duplamente discriminadas, e isso seria uma herança sociocultural.

Cada sociedade ou pessoa interpreta e representa o corpo ao seu modo, o fato ratifica a questão de que o corpo é um construto discursivo composto por múltiplas facetas. A questão está associada a uma série de clichês que nos direcionam a considerar o idoso a partir de suas limitações. Um exemplo disso, é a perspectiva biológica do envelhecimento humano, fundamentada basicamente no processo saúde-doença.

Por fim, o texto mostrou que assumir o tempo como única variável de medida do envelhecimento não seria o ideal, visto que o processo é multifatorial. Nesse contexto, deve-se considerar que cada pessoa apresenta particularidades genéticas e ambientais que irão



configurar seu envelhecimento. Em se tratando do planejamento do envelhecimento, observamos que uma atitude sensata consiste em assumir posicionamentos que direcionem o processo para um envelhecimento bem-sucedido (eu-idoso). Além do mais, é fundamental harmonizar nosso entendimento sobre os valores que atribuímos à idade, pois, ao mesmo tempo que almejamos viver por um longo tempo, não aceitamos as inevitáveis alterações que o corpo pode sofrer.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo; DE HIPONA, Bispo. **O homem e o tempo**. Confissões: livro XI. São Paulo: Abril, 1973.

AMARYA, Shilpa; SINGH, Kalyani; SABHARWAL, Manisha. Ageing process and physiological changes. **Gerontology**, p. 3-24, jul., 2018.

BAARS, Jann. Philosophy of aging, time, and finitude. In: COLE, Thomas R.; RAY, Ruth E.; KASTENBAUN, Robert (Eds.). **A guide to humanistic studies in aging**. Baltimore, USA: Johns Hopkins University Press, 2010.

BATISTA, João Bosco. Abordagem fenomenológico-existencial do tempo a partir do livro XI de confissões, de Santo Agostinho. **Existência e arte**, v. 2, n. 2, p. 1-4, 2006.

BEZERRA, Paulo Victor. Oficinas de psicologia com idosos e as possibilidades de resignificações do presente e futuro. **Kairós Gerontologia**, v. 18, n. 3, p. 433-455, 2015.

CAUDURO, Adroaldo; GONÇALVES, Ângelo José; CAUDURO, Maria Heloísa Fialho. Fatores associados a morar sozinho e suas diferenças regionais em idosos residentes de Porto Alegre e Manaus. **Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento**, v. 18, n. 2, p. 349-365, 2013.

DA COSTA João Pinto e colaboradores. A synopsis on aging - theories, mechanisms and future prospects. **Ageing research reviews**, v. 29, p. 90-112, 2016.

DARDENGO, Cassia Figueiredo Rossi; MAFRA, Simone Caldas Tavares. Os conceitos de velhice e envelhecimento ao longo do tempo: contradição ou adaptação? **Revista de ciências humanas**, v. 18, n. 2, p. 1-23, 2018.

DE BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo; MATTAR, Cristine Monteiro. A fenomenologia como método de investigação nas filosofias da existência e na psicologia. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 30, n. 4, p. 441-447, 2014.

FRANÇA, Lucia Helena de Freitas Pinho e colaboradores. Ageism in the organizational context - the perception of brazilian workers. **Revista brasileira de geriatria e gerontologia**, v. 20, n.



6, p. 762-772 , dez., 2017.

HANNA, Gay Powell; NOELKER, Linda S.; BIENVENU, Beth. The arts, health, and aging in America: 2005-2015. **Gerontologist**, v. 55, n. 2, p. 271-277, 2015.

HARRIDGE, Stephen D. R.; LAZARUS, Norman R. Physical Activity, aging, and physiological function. **Physiology**, v. 32, n. 2, p. 152-161, 2017.

LAUENROTH, Andreas; IOANNIDIS, Anestis; TEICHMANN, Birgit. A proposed panel of biomarkers of healthy ageing. **BMC Medicine**, v. 13, n. 1, p. 222-230, 2015.

LIMA, Claudia Feio da Maia; RIVEMALES, Maria da Conceição Costa. Corpo e envelhecimento: uma reflexão. **Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento**, v. 18, n. 1, p. 153-166, 2013.

MCHUGH, Domhnall; GIL, Jesús. Senescence and aging: causes, consequences, and therapeutic avenues. **Journal of cell biology**, v. 217, n. 1, p. 65-77, 2018.

MOURA, Wanderlanya Cristina Silva; DE AQUINO, Paula Marques Lima Pessoa; AQUINO, Thiago Antono Avellar De. Consciência da finitude e valores humanos: um estudo com idosos em instituições de longa permanência. **Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento**, v. 23, n. 3, p. 9-25, 2018.

POLGER, Thomas W. Identity Theories. **Philosophy compass** v. 4, n. 5, p. 822-834, 2009.

RABELO, Dóris Firmino; NERI, Anita Liberalesso. Intervenções psicossociais com grupos de idosos. **Revista kairós gerontologia**, v. 16, n. 6, p. 43-63, 2013.

ROWE, John W; KAHN, Robert L. Successful Aging 2.0: conceptual expansions for the 21st century. **Journals of gerontology, series b: psychological sciences and social sciences**, v. 70, n. 4, p. 593-596, 2015.

SANTOS, Silvana Sidney Costa. Envelhecimento: visão de filósofos da antiguidade oriental e ocidental. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 2, n. 1, p. 88-94, 2001.

SCHNEIDER, Rodolfo Herberto; IRIGARAY, Tatiana Quarti. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de psicologia**, v. 25, n. 4, p. 585-593, 2008.

SERGIEV, Petr V.; DONTSOVA, Olga A; BEREZKIN, Grigory V. Theories of aging: an ever-evolving field. **Acta naturae**, v. 7, n. 24, p. 9-18, 2015.

SILVA, Maria da Glória Silva. Idosos aposentados: representações do cotidiano. **Estudos interdisciplinar envelhecimento**, v. 1, p. 89-101, 1999.

SUN, Nuo; YOULE, Richard J; FINKEL, Toren. Review the mitochondrial basis of aging. **Molecular cell**, v. 61, n. 5, p. 654-666, 2016.



VELÔSO, Thelma Marai Grisi e colaboradores. Descrições sobre a velhice: a identidade terceira idade em depoimentos de idosos. **Estudos interdisciplinar envelhecimento**, v. 22, n. 3, p. 79-97, 2017.

VON ZAUBE, Newton Aquiles. A fenomenologia como retorno à ontologia em Martin Heidegger. **Trans/form/ação**, v. 34, n. 2, p. 85-101, 2011.

WHO-WORLD HEARTH ORGANIZATION. Active ageing: a policy framework. **The aging male**, v. 5, n. 1, p. 1-37, 2002.

**Dados do autor:**

Email: marcelo.nascimento@univasf.edu.br

Endereço: Avenida José de Sá Maniçoba, s/n, Centro, Petrolina, PE, CEP: 56304-917, Brasil

Recebido em: 29/03/2021

Aprovado em: 17/06/2021

**Como citar este artigo:**

NASCIMENTO, Marcelo de Maio. A velhice segundo Simone de Beauvoir: considerações para uma gerontologia do envelhecimento. **Corpoconsciência**, v. 25, n. 3, p. 237-250, set./ dez., 2021.